

EDITORA



UnB

A violência na Área Metropolitana de Brasília

Arthur Trindade M. Costa (org.)



Pesquisa,
Inovação
& Ousadia



Universidade de Brasília

Reitora
Vice-Reitor

Márcia Abrahão Moura
Enrique Huelva

EDITORA



UnB

Diretora

Germana Henriques Pereira

Conselho editorial

Germana Henriques Pereira
Fernando César Lima Leite
Beatriz Vargas Ramos Gonçalves de Rezende
Carlos José Souza de Alvarenga
Estevão Chaves de Rezende Martins
Flávia Millena Biroli Tokarski
Izabela Costa Brochado
Jorge Madeira Nogueira
Maria Lídia Bueno Fernandes
Rafael Sanzio Araújo dos Anjos
Verônica Moreira Amado



A violência na Área Metropolitana de Brasília

Arthur Trindade M. Costa (org.)



Coordenação de produção editorial
Preparação e revisão
Diagramação

Equipe editorial

Luciana Lins Camello Galvão
Talita Guimarães Sales Ribeiro
Wladimir de Andrade Oliveira

© 2018 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:
Editora Universidade de Brasília
SCS, quadra 2, bloco C, nº 78, edifício OK,
2º andar, CEP 70302-907, Brasília, DF
Telefone: (61) 3035-4200
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Esta obra foi publicada com recursos provenientes do Edital DPI/DPG nº 2/2017.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília

V795 A violência na Área Metropolitana de Brasília / Arthur Trindade M. Costa, organizador. – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2019.
142 p.

Ebook.
ISBN 978-85-230-1179-6.

1. Violência – Brasília – Brasil. 2. Homicídios – Brasília – Brasil. 3. RIDE. 4. Brasília – Entorno. I. Costa, Arthur Trindade M., (org.).

CDU 323.285(817.4)

Sumário

Introdução	7
Arthur Trindade M. Costa	
Capítulo 1. A Área Metropolitana de Brasília	23
Analia Soria Batista	
Capítulo 2. Descrição dos homicídios na Área Metropolitana de Brasília ..	47
Arthur Trindade M. Costa e Marcelle Figueira	
Capítulo 3. O fluxo de justiça criminal dos homicídios na AMB	57
Cristina Zackseski, Welliton Caixeta Maciel e Arthur Trindade M. Costa	
Capítulo 4. Os profissionais do sistema de justiça criminal.....	79
Bruno Amaral Machado e Maria Stela Grossi Porto	
Capítulo 5. Os jovens em seu bairro	99
Yacine Guellati	
Referências.....	135



CAPÍTULO 5

Os jovens em seu bairro¹

Yacine Guellati

O estudo foi realizado no município de Águas Lindas de Goiás, localizado na Área Metropolitana de Brasília e que possui fortes vínculos com o Distrito Federal, embora esteja situado espacialmente no estado de Goiás. Justificou-se a escolha desse município, pois se trata de uma região ainda pouco pesquisada no âmbito das Ciências Sociais, sendo que nesse território concentram-se diversas problemáticas urbanas – presença estatal reduzida, altos índices de homicídios vitimando, sobretudo, jovens, homens e negros – que fazem o município aparecer como um verdadeiro “laboratório social”² na “periferia da periferia”.

Visando uma análise mais aprofundada da complexidade dos espaços urbanos e considerando a unidade espacial do bairro como objeto central deste estudo, optou-se, como objetivo geral, por demonstrar a importância do bairro na construção e na reprodução de trajetórias de vida e de sociabilidades. Foi eleito como foco da análise o bairro Cidade do Entorno, um dos mais antigos da cidade, localizado na parte interna oeste do município.

A desvalorização desse bairro é percebida nos discursos, que muitas vezes não revelam as múltiplas e complexas causas, mas somente as suas consequências. É certo que a violência é uma das principais problemáticas apontadas quando se fala do Cidade do Entorno, provocando insegurança e resistência por parte da população. Porém, o que vem ocorrendo no bairro não pode ser desvinculado de

¹ Este capítulo é uma versão ampliada do artigo Efeitos de bairro e sociabilidades juvenis no município de Águas Lindas de Goiás (no prelo), a ser publicado pela Revista CIS (Chile).

² Em referência ao termo empregado por Robert Park.

problemas estruturais como pobreza, desemprego, falta de saneamento básico, falta de espaços de lazer e qualidade, oferta e acesso à educação.

Frente a isso, o objetivo deste estudo consistiu em elaborar uma análise dos territórios “na margem”, a fim de ir além dos dados estatísticos recolhidos e questionar uma visão por vezes muito homogênea dessas localidades.

Como objetivos específicos, buscou-se analisar o papel do bairro e de sua vizinhança no processo de socialização dos jovens residentes na localidade, assim como observar as relações mantidas entre os jovens e esse território, procurando apreender quais as formas de sociabilidade de bairro e como os jovens do bairro estudado negociam com as condições sociais que lhes são particulares.

Em termos metodológicos, optou-se por uma abordagem de caráter qualitativo, não sendo rejeitados dados quantitativos produzidos anteriormente. Desse modo, foi realizada uma pesquisa de natureza etnográfica, por meio de um processo de imersão total no campo observado, por cinco meses, entre agosto e dezembro de 2013. Como estratégia de adaptação à região estudada, foi realizada a inserção do pesquisador no meio escolar do bairro pesquisado. Durante a pesquisa de campo, foram combinadas três técnicas de coleta de dados: a análise documental, a observação direta e a elaboração de entrevistas semiestruturadas.

Este capítulo está estruturado em cinco partes: após esta breve introdução ao objeto e ao marco teórico a partir do qual o trabalho foi desenvolvido, as partes 2 e 3 são uma descrição densa da localidade estudada, começando pela apresentação do município de Águas Lindas até a etnografia do bairro Cidade do Entorno. Tal descrição visa mostrar ao leitor a pertinência deste estudo, além de ambientá-lo à localidade que foi estudada. As partes 3 e 4 são baseadas nos principais resultados da pesquisa de campo, na qual vemos o bairro estudado, tanto como um espaço estigmatizado quanto como um espaço relacional, defendido e ocupado. Por último, seguem as considerações finais, apontando para as principais observações levantadas.

Por uma sociologia na escala do bairro

A cidade moderna se reconfigura e as relações que os indivíduos mantêm com o espaço e com o mundo social se modificam. Nesse contexto, indaga-se se as práticas comunitárias locais desapareceram ou se tornaram mais fortes. Esses questionamentos resultam em respostas divergentes no campo sociológico contemporâneo, segundo aponta Authier (2008), pois, enquanto alguns mantêm uma visão dos bairros como locais onde os vínculos sociais continuam estreitos e diretos, outros cientistas sociais analisam os bairros populares como locais de concentração da miséria urbana, geradores de efeitos identitários negativos por parte de suas populações. Isso tanto em estudos norte-americanos, quanto em estudos europeus.³

Recentes debates sobre o bairro como unidade territorial de análise procuram saber até que ponto o bairro tem influência nas práticas e sociabilidades de seus moradores ou em que ele contribui para estigmatizá-los. É crescente o debate nos EUA, Canadá e França em relação aos “*effets de quartiers*” ou “*neighborhood effects*” (BACQUÉ; FOL, 2006).

Neste estudo, optou-se pela definição do conceito empregado por Beaud (2003), para quem os “efeitos de bairro” podem ser observados por meio das representações, das práticas e das trajetórias dos indivíduos. Sob esse ponto de vista, os bairros têm um papel socializador, por meio do qual os indivíduos adquirem maneiras de ver, de ser e de agir, que estruturam sua visão do mundo, suas práticas sociais e suas trajetórias.

Além de observar a cidade como um todo, considerando a sua configuração espacial, suas práticas, situações e movimentos, focou-se na análise etnográfica na escala do bairro. O principal motivo dessa escolha residiu na persuasão de que ocorre um aumento da territorialização das práticas e das relações sociais. O “bairro” tem assim que ser compreendido além de sua definição genérica, como um “território povoado”,

³ A revisão teórica aqui empregada baseou-se nesse marco teórico em específico, pois é nesses países que se encontra uma literatura mais ampla e consolidada sobre os “efeitos de bairro”. Não foram, no entanto, desconsiderados trabalhos nacionais sobre o bairro.

e devem ser consideradas as suas fronteiras, físicas, sociais e simbólicas. O bairro não deve ser entendido somente como um espaço geográfico, mas como um território com um forte papel socializador (RAMADIER, 2006). Nessa acepção devem ser analisadas as relações mantidas entre os indivíduos – no caso, os jovens – e esse território e, sobretudo, a dualidade existente entre a mobilidade e a ligação com o bairro.

Em síntese, podemos falar em “efeito de bairro” quando o fato de morar em determinado bairro influi nas trajetórias de vida de seus moradores. Os “efeitos de bairro” podem ser tanto negativos como positivos, e eles podem e devem ser explicados por múltiplos fatores. O fator que aqui mais nos interessa diz respeito às localidades onde a presença estatal e o acesso aos serviços públicos são deficientes ou inexistentes, casos presentes principalmente nos países da América Latina, que fazem tais localidades aparecerem como “comunidades isoladas” (WACQUANT, 2005). Um último fator determinante para explicar a proporção do “efeito de bairro” diz respeito à imagem e ao imaginário construído pelos moradores sobre o seu bairro e sobre a reprodução que é feita de tal imaginário. Esses fatores, no entanto, podem ser observados concomitantemente, em uma mesma realidade (BACQUÉ; FOL, 2006).

Os “efeitos de bairro” podem ser observados seguindo uma concepção positiva, mostrando em que a dinâmica desses bairros populares é inclusiva, rompendo com o “mito do gueto” (GILBERT, 2011). O bairro estudado nesta pesquisa apareceu de forma concomitante tanto como um espaço estigmatizado quanto como um espaço territorializado e defendido, o que será apresentado adiante.

Águas Lindas ou a “periferia da periferia”

Foi no denominado “período contemporâneo”⁴ (PAVIANI, 2007), que ocorreu a expansão da área de influência do Distrito Federal e o surgimento da Área

⁴ Paviani (2007), na tentativa de demarcar os diferentes períodos da urbanização do DF e região, de forma sintética, vislumbrou a existência de três períodos históricos: o “período pioneiro”, de 1956 a 1973; o “período de consolidação de Brasília” que se estendeu de 1974 a 1990; e o “período contemporâneo”.

Metropolitana de Brasília – AMB. Tal período foi caracterizado pelo crescente “transbordamento populacional” para além das fronteiras do Distrito Federal e marcado pelo surgimento de novos municípios, no que podemos denominar de “periferia da periferia”.

Na década de 1990, embora a imigração em direção ao DF tenha diminuído em relação às décadas anteriores até estagnar, continuaram as demarcações desordenadas de loteamentos para domicílios de baixa renda na região. A ocupação extensiva do território provocou a criação de novas Regiões Administrativa – RAs.

Nesse mesmo período as disparidades entre os municípios do Entorno e o DF só cresceram. Como principais problemas estavam o imenso e contínuo fluxo migratório para a região, o uso descontrolado do solo, que foi provocando problemas ao meio ambiente (WADA, 2003), e o quase nulo – e somente recente – interesse dos governantes estaduais (diz-se isso tanto do governo do Goiás quanto do governo do DF)⁵ pela região (QUEIROZ, 2007; NÓBREGA, 2009; SILVA, 2006).

Foi nesse período que o crescimento populacional dos municípios da Área Metropolitana de Brasília (AMB) ocorreu, principalmente, a partir da implantação e expansão de Brasília, uma vez que grande parte da população não conseguia instalar-se na Capital, transbordando para seus limites geográficos, num claro processo de “transbordamento populacional”, que podemos de forma figurativa/caricatural, denominar de “periferia da periferia”. Ocorreram diversos desmembramentos e a então emancipação de novos municípios, contabilizou um total de 19 cidades, ao final da década de 2010.

Inserida na área urbano-regional (de influência) de Brasília, e na Região Integrada de Desenvolvimento Econômico⁶ do DF (RIDE/DF), a AMB é constituída,

⁵ Cabe ressaltar, de forma breve, que existe um evidente perfil político conflitivo na região, a saber, se os problemas regionais são de responsabilidade dos governantes do DF ou do estado de Goiás (embora tal temática não tenha sido aprofundada no presente trabalho).

⁶ A RIDE/DF inclui o Distrito Federal e mais 22 municípios limítrofes (19 goianos e três mineiros): Abadiânia, Água Fria de Goiás, Águas Lindas de Goiás, Alexânia, Cabeceiras, Cidade Ocidental, Cocalzinho de Goiás, Corumbá de Goiás, Cristalina, Formosa, Luziânia, Mimoso de Goiás, Novo Gama, Padre Bernardo, Pirenópolis, Planaltina, Santo Antônio do Descoberto, Valparaíso de Goiás e Vila Boa, no estado de Goiás, e Unai, Buritis e Cabeceira Grande, no estado de Minas Gerais.

segundo a Nota Técnica (NT) nº 1/2013 da Codeplan, por 12 municípios goianos limítrofes ou próximos do Distrito Federal, além do município de Brasília. Todos esses 12 municípios são integrantes da RIDE, mas nessa escala de análise são excluídos os municípios que não possuem relações de natureza metropolitana com o DF, ou seja, relações socioeconômicas relevantes, como fluxos migratórios e acesso ao mercado de trabalho e aos serviços públicos de saúde e de educação.

Cabe ressaltar que o eixo Brasília-Goiânia é tido como um dos principais polos de desenvolvimento econômico do Brasil (COSTA; SOUZA, 2012). Fator que contribui para intensificar os fluxos de imigrantes para a região, que hoje representa a terceira maior aglomeração populacional do Brasil, atrás apenas das Regiões Metropolitanas de São Paulo e Rio de Janeiro, e abrigando em 2010, cerca de nove milhões de habitantes.

A localidade escolhida para esta pesquisa foi o município de Águas Lindas de Goiás, situado na AMB, a 50 km do centro de Brasília, 200 km da capital do estado – Goiânia – e cerca de 8 km da cidade mais próxima do Distrito Federal – Ceilândia. O município de Águas Lindas de Goiás é uma localidade pouco conhecida nacionalmente. Na última década, o município ganhou destaque na mídia nacional como “uma das cidades mais violentas do país”.⁷

Esse município tem uma história recente, sua emancipação ocorreu após abaixo-assinado conduzido por lideranças locais, culminando com o plebiscito do Parque da Barragem, realizado em 12 de outubro de 1995. A Barragem foi elevada à categoria de município com a denominação de Águas Lindas de Goiás, pela lei estadual nº 12.797, de 27/12/1997. O município tem uma área total de 188,38 km.⁸

⁷ Citamos como exemplo o *Mapa da violência*, publicado em 2012, que apontou a região do Entorno do DF como uma das mais violentas do Brasil e onde a criminalidade ainda está aumentando. A cidade mais violenta delas, em 2012, era Águas Lindas de Goiás, com uma taxa de 61,7 homicídios por 100 mil habitantes. E mais, uma reportagem do programa da Rede Globo, que foi ao ar no dia 29 de maio de 2011 no *Fantástico*, apontava que um alto índice de violência é encontrado em quatro cidades da periferia da capital do país (Águas Lindas de Goiás, Novo Gama, Luziânia e Valparaíso de Goiás), fazendo com que a área ganhasse destaque nacional como “terra sem lei”.

⁸ IBGE. Censo 2010.

Águas Lindas se originou de um loteamento de chácaras de lazer às margens da BR-070 e próximo à bacia do rio Descoberto, quando seu território ainda pertencia a Santo Antônio do Descoberto, que por sua vez foi desmembrado de Luziânia.

Essas chácaras que se encontravam na área rural foram compradas, à época, por famílias financeiramente favorecidas e por estrangeiros. Esses primeiros compradores das chácaras, localizadas no hoje município de Águas Lindas, em sua grande maioria não fixaram suas residências na região, e foi em parte por conta dessa não fixação “do homem a terra” que equipamentos básicos de infraestrutura urbana não foram instalados, pois não foram requisitados ou mesmo planejados pelo poder público, de forma similar ao ocorrido nos anos 1970 no município de Luziânia. Segundo testemunham os pioneiros da cidade, no início havia apenas fazendas e chácaras em meio ao cerrado e perto de inúmeros córregos.

Nos anos 1990, devido ao ainda contínuo fluxo migratório para a região do Distrito Federal e a especulação imobiliária no quadrilátero, com o objetivo de melhor comercializar essas terras, as chácaras foram parceladas em lotes de dimensões urbanas e vendidos a baixo custo às populações que fugiam do alto custo de vida da Capital Federal. Podemos concluir que o explosivo adensamento populacional em Águas Lindas é resultado de uma má gestão da imigração, assim como uma ineficiente política habitacional do Governo do Distrito Federal para seu Entorno.

Mapa 5.1 - Localização de Águas Lindas no estado de Goiás



Fonte: IBGE.

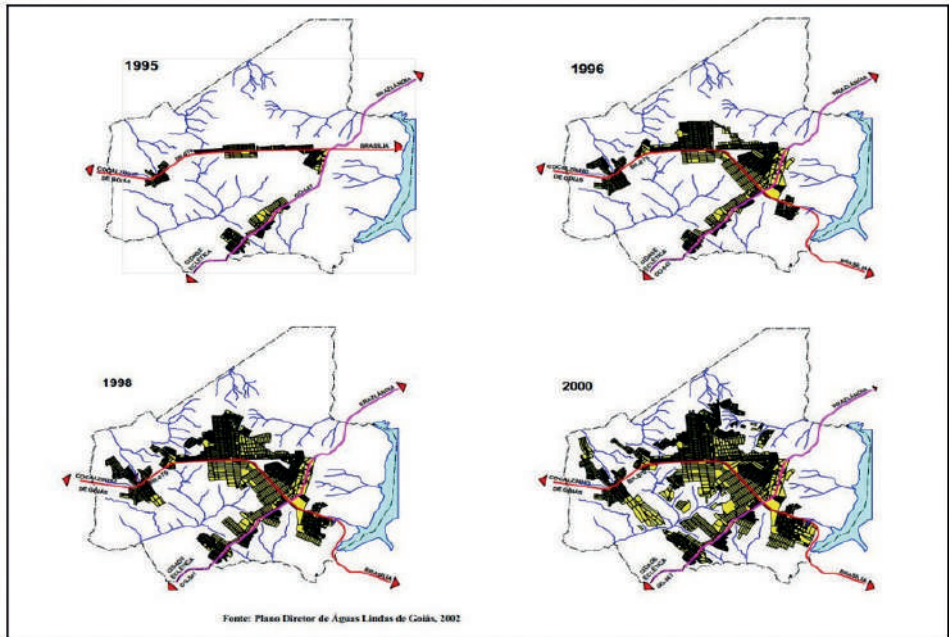
Águas Lindas é hoje o município mais populoso da Periferia Metropolitana da AMB, com uma estimativa de 197.200 habitantes em 2013 (CODEPLAN, 2013a, p. 30) o que representa 18,41% do total da população da AMB. A densidade demográfica do município também é elevada, são 846,03 habitantes/km².

É importante destacar a importância numérica de sua população jovem, ou seja, a que se situa na faixa etária de 15 a 24 anos de idade, representando 21% da população total do município, segundo dados de 2013.

O crescimento populacional da região se deu principalmente por sua proximidade de Brasília. A existência da rodovia BR-070, corredor de saída do Distrito Federal, propiciou o fluxo de muitas famílias vindas de Brasília e outras cidades próximas, que foram se aglutinando às suas margens, gerando a explosão demográfica atual, como mostra o mapa a seguir. Segundo dados da Secretaria de Ação Social de Águas Lindas, em 2009, o município contava supostamente com 241 bairros, e segundo a administração local, a criação de novos bairros continuou desde então.⁹

⁹ Tal dado pode, no entanto, ser questionado, pois a divisão em bairros se dá, por muitas vezes, não seguindo critério algum. É questionável um município relativamente pequeno com tantos “bairros” distintos.

Mapa 5.2 - Crescimento urbano e adensamento populacional em Águas Lindas (1995 – 2000)



Fonte: Plano Diretor de Águas Lindas de Goiás, 2002.

O forte crescimento populacional no município tem por origem dois fluxos migratórios distintos. Um primeiro contingente migratório é oriundo de outros estados brasileiros, sobretudo dos estados de Maranhão, Piauí e Bahia. Um segundo, não menos importante, se origina do próprio Distrito Federal. Assim, entre 2000 e 2007, 44,7 mil pessoas que moravam no DF se mudaram para a PM da AMB, e desse universo, 13.1 mil tiveram como destino Águas Lindas, ou seja, 29,3% do total (CODEPLAN, 2013c).

Outro ponto que merece destaque é a forma atípica como a população de Águas Lindas se constrói em relação às RAs periféricas do Distrito Federal. Como já vimos anteriormente, nas “cidades satélites” a migração se fez em um movimento “de fora para dentro”, ou seja, por pessoas vindas de outros estados brasileiros. A formação populacional de Águas Lindas se fez em um movimento migratório “de dentro para as margens”, e é composta pela segunda geração dos pioneiros de

Brasília, que, não conseguindo seguir o padrão de vida brasiliense, optaram por criar e fixar residência em municípios da AMB.

Águas Lindas de Goiás é, além de tudo, uma cidade com um grande potencial de atratividade. Assim, a migração entre Brasília e Águas Lindas, que inicialmente ocorria por falta de condições financeiras de morar no Distrito Federal, seguindo um processo de periferação urbana típico das grandes metrópoles brasileiras, atualmente ocorre com certa frequência por escolha, uma vez que o custo de vida no município é mais baixo do que em Brasília. Essa constatação é confirmada logo que se pergunta aos moradores qual o principal motivo que os fez migrar de Brasília para o entorno de sua área metropolitana.

Considera-se que 64,9% da população de Águas Lindas é nascida no DF, somando 125.845 pessoas (CODEPLAN, 2013a, p. 41). Este último dado deve, no entanto, ser relativizado, considerando que é alto o número de nascimentos de águas lindenses em hospitais do DF, local onde os recém-nascidos são registrados, embora morem em Águas Lindas.

Há também uma constante expansão territorial na área de Águas Lindas, ora por iniciativas governamentais, com a criação de loteamentos para moradores de baixa renda, por meio do programa de governo *Minha casa, minha vida*; ora pelas contínuas ocupações indevidas e irregulares de terrenos, muitas vezes situados nas Áreas de Proteção Ambiental (APAs), o que pode causar problemas ao meio ambiente em longo prazo. Nos últimos cinco anos, houve uma grande proliferação de novos bairros no município, tanto ao longo da BR-070 como “para dentro” das terras já habitadas.

A cidade não possui indústrias, mas tem uma variedade de empresas comerciais de pequeno e médio porte. O setor de serviços e o comércio são fortemente desenvolvidos, como prova disso, podemos citar a inauguração em 2013 de um Shopping Center de médio porte às margens da BR-070.

Por ser um município essencialmente dependente do setor terciário, as taxas de desemprego na região são relativamente altas em comparação com os demais municípios

da AMB. Assim, se a taxa de desemprego foi de 8,5% em média na Periferia Metropolitana da AMB, ela chegou a 11,4% em Águas Lindas (CODEPLAN, 2013a, p. 54).

O PIB anual de Águas Lindas foi recentemente calculado em 374.375 milhões reais, ficando em 6º lugar no ranking da AMB, onde quatro municípios concentram 50% das riquezas produzidas no Entorno, são estes: Luziânia, Unai, Formosa e Cristalina. O PIB per capita de Águas Lindas de R\$ 2.327 é o mais baixo do Entorno, quando comparado à média do PIB/Entorno de R\$ 5.164. Em 2012, 9,29% da população de Águas Lindas de Goiás encontrava-se em situação de extrema pobreza, ou seja, com menos de $\frac{1}{4}$ do salário mínimo per capita (CODEPLAN, 2013a).

O IDH do município de Águas Lindas em 2010 foi de 0,686, o 7º colocado no ranking da AMB, mas o 12º e último colocado se considerado somente o IDHM de renda. Contudo, Águas Lindas teve uma evolução de 77,26% do seu IDHM entre 1991 e 2010. A evolução mais forte se deu em relação ao IDHM da educação, com uma melhoria de 360% entre 1991 e 2010. Para fins de comparação, o IDH do DF apresenta o melhor índice entre as 27 unidades federativas, sendo o único classificado com o IDH “muito alto” (0,824, em 2010).

A presença do governo do estado de Goiás na região é reduzida. Os serviços públicos são de qualidade precária no contexto da saúde, da educação e da segurança pública. O município possui uma grande carência de infraestrutura básica, como: asfalto, transporte público, sistemas de coleta de águas pluviais, coleta de lixo, água tratada e rede de esgoto. Apenas 18,9% das residências do município dispunham de tratamento de esgoto adequado em 2010.

Existem até hoje irregularidades na ocupação de terras em Águas Lindas devido, principalmente, à venda de lotes e construção em áreas destinadas a proteção ambiental. A área de proteção permanente do município foi loteada sem se considerar a legislação ambiental, isso desde antes da emancipação do município, provocando um fervoroso conflito socioambiental na região.

A falta de planejamento regional e a ineficiente gestão urbana frente aos problemas do município provocam inúmeras consequências, como a violência urbana.

Segundo dados do *Mapa da violência*, publicado em 2012, Águas Lindas de Goiás está entre os 200 municípios mais violentos do país, na 79ª posição nacional, com uma média de 61,7 homicídios por 100 mil habitantes, e na primeira colocação dentro do estado (CODEPLAN, 2012).

Existe, porém, uma concentração dos homicídios em certas áreas, territórios ou conjuntos de bairros. Assim, em um estudo feito com base em dados de homicídios em 2010 (COSTA, 2013), viu-se que sete bairros responderam por mais de metade das mortes violentas: o Jardim Barragem (26,7%); Jardim Águas Lindas II (5,9%); Camping Club (5%); Cidade do Entorno (5%); Setor Coimbra (4%); Girassol (3%) e Jardim América (3%). Tal constatação confirmou-se em dados recolhidos em 2013,¹⁰ que apontam os homicídios ocorridos em Águas Lindas entre agosto de 2012 e setembro de 2013, e mostram que, mais uma vez, um terço dos homicídios ocorreu em dois bairros: o Jardim Barragem e o Cidade do Entorno.

Em conclusão, vemos que a cidade de Águas Lindas é o resultado da dinâmica populacional e da urbanização por expansão da periferia do Distrito Federal, com ausência de planejamento urbano preliminar, legislação urbanística e de gestão ambiental, promovida pela ação especuladora de agentes imobiliários. Esse conjunto de fatores em muito contribuiu para todos os problemas de cunho social, econômico, e ambiental que o município ainda vivencia nos dias atuais, além de ser uma localidade fortemente segregada em relação à sua vizinha, Brasília.

Por todas essas razões e constatações, o contexto social de Águas Lindas se oferece como um grande laboratório de pesquisa, ainda pouco explorado em estudos sociológicos. Este estudo pretende concentrar-se, principalmente na situação atual do bairro Cidade do Entorno.

¹⁰ Dados recolhidos na Secretaria de Ação Social do município de Águas Lindas, em janeiro de 2014, também disponibilizados pelo CIOPS do município.

Figura 5.1: Entrada do bairro Cidade do Entorno (2013)



No início dos anos 1990, a fazenda foi loteada e deu-se a distribuição e venda dos lotes de forma não ordenada e não delimitada e em um espaço não urbanizado anteriormente, que acabou tornando-se o atual bairro de Cidade do Entorno. Esse bairro não foi regularizado por inteiro, embora o processo de regularização dos lotes esteja em curso. A regularização, todavia, é protelada por diversos problemas, sobretudo socioambientais e políticos, incluindo um desacordo com relação à ocupação do território pelo Ministério do Meio Ambiente. Um segundo problema com relação à ocupação legal dos lotes desse bairro ocorre pelo fato de alguns loteamentos não terem sido adquiridos financeiramente à época, embora grande parcela de seus residentes more na região há mais de 15 anos.

Segundo o Plano Diretor de Águas Lindas de 2002, existe certa regularidade no traçado do espaço, embora este não siga o padrão regular de bairros como: Jardim Brasília, Jardim Barragem e Jardim Pinheiro. Todavia, muitos dos equipamentos públicos projetados para existir no local, segundo este plano diretor, seguem ausentes até os dias atuais.

Observam-se similaridades com os bairros vizinhos, mas também fortes disparidades em relação, sobretudo ao Jardim Brasília. Essas diferenças se explicam *a priori* pela

distância do bairro em relação à via principal de acesso a BR-070, pois quanto mais os setores afastam-se do eixo central, mas distantes dos equipamentos e serviços públicos eles estão.

No bairro Cidade do Entorno, o sistema viário é pouco organizado. Enquanto as ruas principais do Jardim Brasília são todas pavimentadas e iluminadas, existem faixas de travessia, quebra-molas e sinalizações verticais e horizontais; no Cidade do Entorno, a pavimentação das ruas teve início em outubro de 2013, mas ainda não foi totalmente concluída (em agosto de 2014), a iluminação pública é quase inexistente e as calçadas, faixas de travessia ou quebra-molas não existem. As vias arteriais constituem os limites físicos desse bairro e as vias locais não apresentam padrão de desenho e tem baixo fluxo viário.

Figura 5.2 e 5.3: Rua comercial do setor Cidade do Entorno e do Jardim Brasília em perspectiva comparada (2013)



Os ônibus não circulam nas ruas internas do bairro, fazendo com que seja necessária, por vezes, uma considerável caminhada até o ponto de ônibus situado na entrada do Jardim Brasília. Antes da pavimentação recente, até mesmo os caminhões de coleta de lixo tinham dificuldade de adentrar no bairro. Em dias chuvosos, com ruas não pavimentadas, formavam-se grandes poças por todo o bairro, tornando ainda mais impraticável o acesso. A título de exemplo, no período em que lecionei no colégio local, em dias de chuva, dois terços dos alunos não vinham à escola, uma vez que a maioria ia a pé.

Quanto aos equipamentos de uso coletivo, são ainda raros. Existem três campos de futebol improvisados no setor – espaços vazios, de terra batida, onde se organizam cotidianamente partidas de pelada pelos moradores, sobretudo as crianças e os adolescentes do bairro. Não existem praças zoneadas ou equipadas para o uso dos moradores como pontos de lazer e encontro.

Demais equipamentos de uso coletivo são raros. Existe um posto de saúde, mas que atende somente em horário comercial e, segundo os moradores, carece de médicos para atender a grande demanda de pacientes. Durante a pesquisa, não foi raro encontrar o posto médico sem atendimento algum em plena luz do dia, ou, cedo pela manhã, avistar uma longa fila de espera em frente ao local. Além desses transtornos, cabe aqui salientar que o posto se encontra em espaço alugado. Não há hospitais ou clínicas particulares no bairro. No entanto, existem duas farmácias no setor.

Quanto aos equipamentos educacionais, existe um colégio estadual público de ensino médio, uma escola municipal de ensino básico e fundamental, uma creche municipal, um colégio particular de ensino médio e de orientação evangélica, e uma escola de ensino básico e fundamental particular. Não há bibliotecas, nem sala de espetáculos no setor.

Um posto policial começou a ser implantado no começo rua principal do setor Cidade do Entorno, beirando a principal rua comercial e a poucos metros da Feira do Entorno, palco de inúmeros delitos, principalmente aos finais de semana. Nessa feira encontra-se toda a sorte de comércios: verduras, frutas e legumes; animais para abate; vestuário; DVDs e CDs pirateados; equipamentos eletrônicos e de construção; medicamentos naturais e lanchonetes diversas.

Áreas de comércio são diversas e poucas são zoneadas. Distinguem-se, no entanto, três principais ruas comerciais, onde se encontram bares, oficinas mecânicas, lojas de revenda de móveis usados, salões de cabelereiros, mercados de médio e pequeno porte, algumas poucas lojas de construção ou elétricas, lojas de vestuário de pequeno porte, sorveterias, pecuárias e duas padarias. O comércio é realizado quase exclusivamente de dia, na semana e nos finais de semana. À noite, funcionam de forma discreta alguns bares e diversos centros religiosos, mas de forma geral o bairro fica relativamente vazio. Enquanto no Jardim Brasília vê-se certa vida noturna, com bares, pizzarias, mercados, cursos e farmácias, no bairro Cidade do Entorno, a partir das 18h, o comércio local fecha e a circulação, seja de pessoas ou de carros, torna-se muito rara.

O comércio diferencia-se muito do que é encontrado no Jardim Brasília, pois no bairro Cidade do Entorno não encontramos as grandes marcas (ex: Lojas Americanas, Casas Bahia) ou redes comerciais. Também não estão presentes agências bancárias, caixas eletrônicos, casas lotéricas, restaurantes, lanchonetes, e postos de abastecimento.

São diversos os locais de culto religioso no bairro. Esses locais também não são zoneados e encontram-se dispersos pelo setor, sobretudo em ruas residenciais. Foram repertoriadas cerca de dez igrejas evangélicas, duas igrejas católicas e um local de culto de Testemunha de Jeová.

Vemos que, dentro do próprio município de Águas Lindas de Goiás, existem bairros e territórios com características bem distintas e desiguais. Os bairros Jardim Brasília e Cidade do Entorno surgiram na mesma época, mas, geograficamente, o primeiro encontra-se nas margens da BR-070, o que aparentemente contribui para que os problemas sejam sanados e o desenvolvimento econômico e social seja mais rápido, deixando “à margem” outros bairros da localidade.

Um espaço estigmatizado

Observando-se o bairro Cidade do Entorno, sobressalta a imagem de uma localidade onde a existência de serviços e de equipamentos públicos é quase nula. Por inexistência de infraestrutura básica, o comércio é pouco desenvolvido e não existem áreas de lazer ou espaços de encontro determinados e estruturados, o que termina por prejudicar, diariamente, sobretudo a sua população mais jovem, confinada no espaço e com relativa dificuldade de mobilidade para as demais regiões do município.

Assim, se as características negativas relacionadas ao município de Águas Lindas já contribuem para criação de um estigma sobre a região e sua população, a situação específica desse bairro somente reforça tal construção simbólica negativa. A localidade aparece com frequência como um espaço estigmatizado, tanto no discurso do conjunto dos moradores do município, quanto nos discursos proferidos pelos moradores do próprio bairro.

Cabe, nesta seção, compreender como ocorre a construção desse imaginário negativo; de que forma e por quem ele é reproduzido; e como os moradores locais, sobretudo os jovens do bairro, incorporam e gerenciam o estigma atrelado ao espaço em que habitam.

Dinâmicas do bairro e estigmatização territorial

Para Wacquant (2005), o sentimento de estigmatização territorial tende a prejudicar as estruturas sociais e as estratégias locais. O autor mostra que em bairros onde se acumulam males sociais é necessário considerar a força e o impacto do estigma que pesa sobre os “novos condenados” da cidade, segundo termo empregado pelo sociólogo.

Embora o bairro Cidade do Entorno não se diferencie muito dos bairros vizinhos, criou-se, e é constantemente reproduzido, um imaginário coletivo negativo sobre a localidade. Essa estigmatização territorial coletiva se retroalimenta em uma dinâmica dupla: a desvalorização simbólica e a degradação física do bairro.

Para o conjunto de moradores de Águas Lindas, o bairro tem má reputação e é visto como um “reduto de problemas sociais e particularmente afetado por todos os tipos de criminalidade”, segundo relatos recorrentes. Ademais, os próprios residentes do bairro reforçam em seus discursos e falas o olhar negativo sobre a localidade.

A falta de uniformidade e de um traçado urbanístico mínimo é uma característica forte para quem adentra o bairro pela primeira vez. A numeração das quadras não segue uma lógica numérica, algumas quadras se repetem e o desenho das ruas não segue um padrão linear, o que dificulta a mobilidade daqueles que não conhecem o local. Não há também nenhuma área definidamente zoneada e, assim, destinada ao comércio ou ao uso residencial. Constroem-se casas e comércios sem ordenamento ou logística urbana.

A parcela do setor que se encontra mais próxima ao bairro Jardim Brasília – que representa espacialmente cerca de 1/3 do território – aparece, de forma evidente, como a mais servida por comércios, por equipamentos públicos e com ruas transitáveis, deixando os outros 2/3 isolados e dependentes.

Os espaços arborizados são inexistentes. Não existem, tampouco, praças, parques, quadras esportivas ou espaços de encontro. É frequente a formação de becos em lotes abandonados que passam a ser ocupados para diferentes usos. Uns servem de ponto de encontro e de socialização para as diversas “galeras” do bairro, outros se transformam em campos de futebol improvisados ou servem ainda de atalho para se transitar entre as quadras.

Formas diversas de depredação do espaço físico foram constatadas no conjunto do bairro como, por exemplo, a depredação dos meios-fios, atribuída, sobretudo, aos “meninos que andam de *skate*”. Quando questionados sobre os motivos de tais atos, estes respondiam: “Vai falar que isso é asfalto? Asfalto é o que fizeram lá na BR e no Jardim Brasília. Esse asfalto aqui... vem a primeira chuva e leva

tudo para baixo. Isso é asfalto é *tipo sorrisal!*”¹² (Kelly, moradora do Cidade do Entorno, 17 anos).

Não, isso é frescura do povo daqui. Quem quebra mais esses meios-fios é os bichos que passam de moto nas torras! Já viu skate quebrar meio-fio?! E também, vivem acusando a gente [os jovens] de ser um bando de vagabundo, de se meter com droga, mas skate é esporte, *eles deveriam* ficar feliz que a gente tá fazendo isso e não usando droga ou assaltando... e o *skate-park* que prometeram aqui pro Jardim Brasília? Cadê? (Roberto, morador do Cidade do Entorno, 16 anos).

O aspecto físico geral do bairro é de um local poluído, com acúmulos de entulho em diversos cantos, sobretudo escombros de construções, mas também amontoados de lixos domésticos, orgânicos e outros. A coleta de lixo no setor não é cotidiana ou regular, uma vez que muitas das ruas são intransitáveis.

Por iniciativa de alguns moradores, foram instaladas caçambas improvisadas – estruturas elevadas feitas em madeira e metal – para o despejo de tais resíduos. No entanto, esses espaços tendem a ser depredados e/ou mal utilizados, uma vez que os resíduos não são depositados dentro, mas ao redor das estruturas, transformando esses espaços em locais insalubres e nocivos, principalmente para os que moram ou transitam nas proximidades:

Aqueles depósitos, não adianta não, ninguém respeita nada, a ideia foi boa, mas os vizinhos jogam mais lixo ao redor que dentro da caçamba. E ninguém limpa aquilo, o caminhão de lixo quando passa diz que é entulho e que não vai recolher. Aí vai juntando mais e mais coisas. Já vi de tudo lá, sofá, TV, restos de comida, até um cachorro morto já vi! (João Pedro, morador do Cidade do Entorno, 15 anos).

Como visto, o bairro Cidade do Entorno aparece para muitos moradores e moradoras como um espaço desvalorizado, em que se estabelece a residência

¹² Asfalto “sorrisal” faz referência a um medicamento efervescente que dissolve fácil e rapidamente em contato com a água.

transitoriamente, na falta de opção melhor de moradia. Como sugere Bourdieu (2007, p. 166): “o bairro estigmatizado degrada simbolicamente os que nele moram, e que, em retorno, o degradam simbolicamente”.

Os moradores, quando indagados a falar sobre o bairro ou a cidade de Águas Lindas, criticam a sujeira das ruas e acusam a população local como responsável:

Os moradores aqui do entorno [o bairro] são diferentes... eles são assim, mais sujos, mais mal-educados sabe... antes eu morava no Jardim Brasília, era melhor... a gente se mudou pra cá por causa que meu padrasto mora aqui... mas eu voltava pra lá (Roberto, morador do Cidade do Entorno, 16 anos).

Embora alguns jovens pronunciem discursos negativos relacionados ao Cidade do Entorno, são principalmente os moradores mais velhos, muitos que moram no local há mais de dez anos, que relatam a “perda de valores”, o “caos na cidade” e a “banditagem crescente da juventude local”. Segundo eles, Águas Lindas, e mais ainda o bairro Cidade do Entorno, virou uma “terra sem lei” e, mais uma vez, os jovens são os principais “bodes expiatórios” dos problemas constatados.

No bairro Cidade do Entorno, ao cair da noite, impacta a escuridão do local, impressão que se reforça noite adentro pela falta de iluminação pública. A ausência de pavimentação das ruas amplifica essa sensação, pois a poeira levantada pelos veículos abruma mais ainda a paisagem noturna da localidade.

Após o pôr do sol, chama a atenção a brusca queda na circulação de pessoas – tanto em dias úteis, quanto aos finais de semana, principalmente na parte oeste do bairro, onde o transporte público não chega. Ocorre um aparente “toque de recolher natural” logo que a claridade se ausenta, movimento este que é legitimado pelos que moram no setor e aconselhado aos novatos no bairro. A partir das 20h, as ruas se desertificam até se tornarem espaços vazios, nos quais poucos moradores se “arriscam” a transitar. Entre os jovens entrevistados nesta pesquisa, poucos frequentam as ruas ao cair da noite, seja por proibição direta dos pais ou por receio do que possa acontecer.

À noite o bairro ganha um “segundo fôlego”. A maioria dos comércios – farmácias e mercados – fecham suas portas próximo às 18h e alguns botecos abrem as suas. Muda também a dinâmica dos becos com relação ao período diurno. Se para uma parcela da população local, ao cair da noite, os becos são tidos como “trincheiras”, locais onde “não se deve passar” por se correr riscos de sofrer alguma forma de violência, observa-se, nesse período, uma maior circulação de pequenos grupos de jovens nos becos e seus arredores, ouvindo música e fumando. Cabe salientar, no entanto, que existe uma evidente masculinização da frequência das ruas à noite no setor.

Vários centros de cultos religiosos também funcionam mais ativamente no período noturno e em dias fixos. Ao findar os cultos, observam-se grupos de famílias voltando para as suas residências em pequenos comboios.

Se a observação do esvaziamento e da “reconfiguração” espacial ocorre na maioria dos bairros de Águas Lindas – como se procurou observar de forma comparativa –, ela é mais evidente no bairro estudado.

A desvalorização simbólica do bairro, adicionada a uma reprodução constante da imagem negativa do local, passa por uma intensificação dos fenômenos relativos à violência na cidade.

É muito difícil ser um jovem decente aqui em Águas Lindas. São muito poucos que se salva dessa juventude monstruosa. A maioria dos jovens de Águas Lindas cometem crimes, se drogam, bebe bebidas alcoólicas sem nenhuma moderação, essa é a visão dos jovens dessa cidade (trecho de uma redação de uma aluna do 3º ano do CEPF).

A violência como pano de fundo

Além dos dados que atestam altos índices de homicídios no bairro Cidade do Entorno e nos territórios vizinhos, procurou-se entender como o fenômeno da violência é percebido e cultivado, mediante relatos dos jovens da localidade, com o objetivo de tentar diagnosticar que violência é essa e como ela aparece e termina por estigmatizar esse espaço.

Os dois principais “bodes expiatórios” dos problemas do bairro Cidade do Entorno são: os jovens, frequentemente acusados, por seus pares e pelo conjunto dos moradores do setor; e os usuários de drogas, uma vez que sempre que ocorre no setor um homicídio ou uma tentativa de homicídio, logo se declara: “deve ser acerto de contas, disputa de território, dívida entre marginal...” (relato de uma moradora do Cidade do Entorno).

Observa-se que ocorre, de forma geral, uma amplificação de tudo que lá acontece, sobretudo quando o boato, a “fofoca” ou a notícia está relacionada com acontecimentos violentos. A prática da fofoca envolve de forma recorrente, atos “errados”, semelhantes a “fulano bateu na esposa”, “ciclano saiu do presídio”, “beltrano levou pipoco e fugiu da região”. O campo semântico relacionado aos atos violentos aparece em todas as conversas, reforçando o temor e a sensação de insegurança já existente.

O que ocorre, no entanto, na maioria das vezes, é que as reais motivações de tais atos demoram ou nem chegam a ser elucidadas. Enquanto isso, os boatos correm pelo bairro e pela vizinhança, aumentando a sensação de insegurança, ou, nas palavras de Marina: “a matança de fim de ano recomeçou... tava demorando pra recomeçar, eu até estranhei”.

Os jornais locais são outro grande vetor de reprodução da violência e de amplificação da sensação de insegurança no setor. Repórteres da cidade destacam, com frequência, notícias policiais sobre o bairro Cidade do Entorno, e assim contribuem para estigmatizar mais o bairro.

Como pesquisador e residente *in loco*, tive por vezes a sensação de que o fenômeno “violência” passa por um processo de ritualização e de exacerbação nos relatos cotidianos dos moradores da localidade. Digo isso no sentido em que atos violentos estão sempre nas pautas das conversas do dia a dia, fala-se mais de “violências” do que se vê, e o campo semântico relacionado às formas de violência está no vocabulário de todos.

Em sala de aula, os alunos sempre citavam a violência como um dos principais problemas de Águas Lindas. No entanto, ao aprofundar mais a discussão, notava-se, paradoxalmente, que poucos tinham sido diretamente vitimados por qualquer tipo

de violência, assim como poucos declaravam fazer parte ou conviver com “os que cometem a violência”. Isso nos leva a pensar que a sensação de insegurança ambiente é, em grande parte, fruto de uma “supervalorização da violência”.

Durante as entrevistas com os jovens, perguntei o que eles achavam da violência em Águas Lindas e no bairro em que eles moravam e obtive as seguintes respostas: “É assim mesmo, é violência demais aqui. Muito acerto de conta, tráfico de droga, violência contra as crianças, bebedeira, briga de bar...” (Bernardo, morador do Jardim Brasília, 18 anos). “Pra mim é o maior problema daqui... tem muitas dessas domingueiras, e lá rola de tudo, muito assim, putaria sabe, e bebedeira, e depois briga e assassinato” (Ricardo, morador do Cidade do Entorno, 16 anos).

No entanto, quando perguntei se eles já tinham presenciado ou vivenciado algum ato violento: “Na verdade, não... é... parando pra pensar, faz oito anos que eu moro aqui e eu nunca passei por nada não, graças a Deus. Mas mesmo assim, é violento, eu é porque eu sou na minha, mas quem vacila leva chumbo aqui” (Bernardo, morador do Jardim Brasília, 18 anos). “Eu não, porque eu não mexo com coisa errada. Quem se dá mal é quem anda com más influências, quem fica andando com os vagabundos” (Ricardo, morador do Cidade do Entorno, 16 anos).

Enquanto em um primeiro momento foi relatada a imagem que lhes fora imposta – a que correlaciona a juventude local com os problemas relativos à violência –, no decorrer das conversas, sobretudo quando das entrevistas aprofundadas, percebeu-se que muitos se preocupavam em desconstruir esse estereótipo. “Ah, mas violência também existe em todo lugar, né? Não precisa vir pra cá pra ver isso não. Acham que aqui é como nas favelas lá do Rio, mas não é não...” (Giselle, moradora do Jardim Barragem IV, 17 anos).

Neutralizando o estigma

Interessa-nos saber aqui como o peso simbólico da estigmatização é gerenciado pelos jovens que residem no bairro Cidade do Entorno. Se o olhar do pesquisador

se virou para os jovens do setor é porque são eles que mais vivenciam o espaço e, por consequência, sofrem mais os efeitos da estigmatização territorial.

Como observa Wacquant (2005, p. 177), o estigma ligado ao local de residência tende a impor aos indivíduos um status de “anomalia social” e implica que eles sejam simbolicamente “desprovidos do controle de sua própria representação e de sua identidade coletiva” (Simmel, 1965 apud Wacquant, 2005).

Frente a essa realidade, criam-se diversos comportamentos distintos. Os que aqui serão analisados são os que testemunham uma vontade de “neutralizar” o estigma, de forma lúdica, irônica ou sarcástica (LEPOUTRE, 2001), como no exemplo a seguir:

[Terça, 5 de novembro de 2013] Em sala de aula, ao conversar com os alunos do 3º ano, estes começaram a relatar as diferenças entre “eles” e os “playboyzinhos de Brasília”. Perguntei se eles viam alguma diferença característica entre os jovens “daqui” e os “de lá” e várias respostas distintas surgiram, até que alguns evocaram a expressão “pé de toddy”. Intrigado, pois nunca tinha ouvido tal expressão, perguntei o que significava, e a resposta foi dada pelo aluno Davidson:

Professor, o negócio é o seguinte, aqui em Águas Lindas não tem asfalto, principalmente aqui no “Entorno” [bairro Cidade do Entorno], então imagina quando chove, vira uma lama sem fim. Todo dia depois da escola eu vou *pro* meu trabalho que fica lá em Águas Claras. Eu tenho que caminhar, no meio da lama até a parada de ônibus, pegar um baú e em uma hora de estrada eu chego lá. Mas assim, “pé de toddy” é porque sempre os tênis dos meninos de Brasília vão estar mais limpos que o meu, entendeu? Por isso, pé de toddy! Pé sujo! [“pé de merda”, exclamavam os outros alunos]. Você pode ter um tênis novinho, limpinho, branquinho, chegando em Brasília ele tá todo sujo, e todo mundo sabe que a gente é de Águas Lindas! Olha só teu tênis professor! Ninguém aqui tem o tênis limpo! (Davidson, morador do Cidade do Entorno, 19 anos).

Como analisou Goffman (2010) a respeito do comportamento do indivíduo estigmatizado, “para evitar esse isolamento [...] além de aceitar os estigmas impostos a ele, se vale de mecanismos para encobrir os ‘defeitos’ de sua identidade social” (p. 20).

Outra forma de neutralizar o estigma, utilizada pelos jovens, é a exacerbação das classificações, o que Goffman (2010) explicou como uma forma de procurar os atributos negativos no outro para se descarregar do que afeta a si mesmo. Essas classificações aparecem com o objetivo de designar o outro em oposição à representação que é feita deles mesmos, e por eles mesmos.

Surgiram, de forma recorrente, três categorias de classificação relativas ao jovem: o “jovem da paz”, o “mala/peba”, e o “playboyzinho”. Quando perguntado a eles quais eram os traços característicos de cada uma dessas categorias, as definições em muito se assemelhavam. O *playboyzinho* é “o jovem que mora em Brasília”, “que vai pra escola particular” e “faz faculdade como a UnB”; o *mala ou peba* é “o jovem de Águas Lindas”, “que faz coisa que não presta”, “o moleque que se droga” e “que queima o filme da cidade”; por último, o *jovem da paz*, é quase sempre representado por eles, é “o que estuda”, “que respeita os pais”, “que sabe ser humilde” e “que não se deixa influenciar por pessoas erradas”.

Eu fui em julho [de 2013] para as manifestações lá de Brasília, eu tava lá. Cheio de playboyzinhos [risos]. Tá lá pra manifestar e reclama não sei do quê ... eles têm mó vida boa, não precisa trabalhar, vai pra faculdade de rico... acho que foram pra matar aula [risos]... (Walter, morador do Cidade do Entorno, 22 anos).

Ainda temos vários jovens bons na cidade, tipo aqueles que não curte muito ir para festa de funk, como as domingueiras, que são um tipo de festa que atrai muita coisa errada... *esses peba* vão para caçar briga, usar drogas, bebedeiras, pega mulher... eles é que sujaram a imagem da cidade... e tem os jovens de boa, da paz...sou mais desses. (Roberto, morador do Cidade do Entorno, 16 anos).

Foi interessante reparar as percepções dos jovens de Águas Lindas acerca das demais cidades periféricas do Distrito Federal. Assim, por exemplo, existe um

preconceito forte com Ceilândia: “A maioria dos traficantes que tem aqui vem lá de Ceilândia, Samambaia... Estrutural, às vezes... eles vêm aqui fugidos da polícia, já que aqui é Goiás né. Aí depois eles vêm falar que é bandido daqui...” (Jéssika, moradora do Jardim Barragem IV, 16 anos).

Em suma, vemos que enquanto em um primeiro momento as características negativas relativas ao local de moradia são colocadas à frente, em um segundo momento, os jovens pesquisados se desvencilham dessa construção negativa da imagem local.

Mobilidade e proporção do efeito de bairro

Acredita-se que avaliar a mobilidade é uma chave importante para medir a proporção do efeito de bairro, pois essa questão tem um papel central no que diz respeito à socialização e aprendizagem dos jovens e adolescentes.

No que tange à mobilidade espacial, viu-se que de fato ela é relativamente limitada, sobretudo no que diz respeito à parcela mais nova dos residentes no Cidade do Entorno (abaixo dos 15 anos), pois são mais confinados ao bairro e, então, menos “livres para ir e vir”.

Esse confinamento que limita a capacidade de mobilidade se explica por dois motivos principais: o primeiro diz respeito à falta de opção de deslocamento para o exterior do bairro, pois, como já mencionado, o Cidade do Entorno é desservido por opções de transporte público; o segundo motivo é a falta de condições financeiras da família, o que limita não somente os deslocamentos em si, mas também o acesso a bens culturais não públicos.

Cinema eu só fui uma vez, e não foi aqui não, foi lá em Taguá [Taguatinga], mas faz mó tempão. Meus pais nunca têm muito tempo pra levar nós pra lá, eu até que eu queria ir sozinho, mas se eles me pega, eles me mata (Tayson, morador do Cidade do Entorno, 13 anos).

Essa restrição da mobilidade incita os adolescentes a se “fecharem no bairro”, outros espaços parecendo-lhes cada vez mais inacessíveis. O isolamento reforça a

tendência à adesão desses adolescentes às “galeras¹³ do bairro”. Em contrapartida, os mais velhos e principalmente os meninos gozam de uma liberdade maior para se deslocar por Águas Lindas e entre os bairros. “Quando meu pai libera o carro, eu vou [para o Shopping] mais meus irmãos, senão eu já fui de a pé mais o Paulo e outros amigos do curso de informática... nós foi lá, beirando a marginal...” (Bernardo, morador do Jardim Brasília, 18 anos).

Em síntese, calcula-se como “densa” a proporção do efeito de bairro que se exerce sobre os adolescentes do bairro Cidade do Entorno. Por sua vez, os jovens mais velhos utilizam-se de uma relativa mobilidade para driblar as condições de vida desfavoráveis e a adesão ao mundo do crime, criando redes sociais e afinidades que não se restringem somente ao espaço físico que habitam.

Por fim, podemos dizer que o efeito de bairro e seus desdobramentos atingem, sobretudo, os adolescentes do local, não querendo dizer com isso que todos eles estão fadados a adentrar e prosseguir seu percurso no mundo do crime. Como veremos a seguir, da mesma forma que o efeito de bairro pode levar a comportamentos “negativos”, ele cria também vínculos fortes em relação à localidade, que podem ser positivamente avaliados.

Territorialização e defesa do espaço

Segundo defende o antropólogo Agier (2011), ao se fazer uma etnografia urbana, devem ser observadas as práticas cotidianas e as relações de sociabilidade. A localidade não deve ser apreendida com uma totalidade, mas sim por meio de situações. Nesse sentido, o território não é um dado fixo e imóvel, mas o resultado de um processo de construção identitária, realizada por diversos atores e em diversas escalas. O território é, então, um espaço vívido e simbólico.

¹³ Por “galeras” entendem-se grupos que expressam suas identidades não somente por afinidades e formas de consumo, mas também pela ocupação de espaços físicos. Diferentemente das “tribos urbanas”, as “galeras” tendem a ser mais territorialistas, no entanto, não se deve assimilar aqui as “galeras” e as “gangues” (ANDRADE, 2007).

Com base nessa perspectiva, buscou-se “entrar” no bairro Cidade do Entorno observando três focos principais: os lugares, as situações e os movimentos (AGIER, 1999, p. 50-51). O objetivo, *in fine*, foi de compreender como os jovens “fazem o bairro” e de que maneira redefinem constantemente o território como dispositivo cultural.

Construção simbólica do espaço social

Ao focar na compreensão da percepção que os jovens do setor Cidade do Entorno têm sobre o seu bairro, sobre a cidade de Águas Lindas e sobre o Distrito Federal, percebemos como ocorre a construção do bairro como espaço simbólico notório.

Em um primeiro momento, procuramos entender de que forma o bairro Cidade do Entorno surge como um espaço social simbólico em função das percepções que se constroem sobre ele e das relações sociais que nele se criam.

Mesmo sendo Águas Lindas um município relativamente novo e onde o fluxo de idas e vindas da população ainda é grande, constatou-se que uma parcela importante dos jovens pesquisados vive na região desde o nascimento, ou pelo menos desde a infância. Para eles, o município é tido como um espaço de construção de sonhos, de possibilidades de melhoria de vida e de maiores perspectivas para, como muitos dizem, “serem alguém na vida”.

Ademais, seja por vínculos sociais primários – de ordem familiar –, ou por vínculos sociais secundários – como as amizades, a convivialidade, a prática da vizinhança e demais formas de criação de vínculo afetivo –, os jovens, tanto as crianças como os adolescentes, mantêm fortes laços com o bairro e não querem se desvincular.

Gosto de Águas Lindas pelo fato de que eu tenha crescido aqui e pelo fato dos meus amigos morarem aqui também, tem coisa que falta sim, como lazer e segurança, mas eu me relaciono com todos aqui, conheço todo mundo da minha rua e isso é legal, até os que mexe com coisa errada eles me respeita (Jéssika, moradora do Jardim Barragem IV, 16 anos).

Mais tarde eu me vejo morando aqui, ter minha família, meu trabalho... eu gosto daqui... eu nasci aqui e todo mundo que conheço é daqui. Falam de Brasília sempre, mas aqui a cidade tá crescendo e ficando cada vez melhor de ano em ano, só tá precisando melhorar mesmo a segurança né, e também abrir mais empresas para jovem aprendiz que querem crescer na vida. (Karolina, moradora do Jardim Barragem II, 17 anos).

Nessa perspectiva, a localidade é construída e vista por seus habitantes, sobretudo os que nela cresceram, como um local de enraizamento e um território a ser defendido e valorizado. “Tem muita gente que fica aqui na cidade porque tem esperança que Águas Lindas vai crescer né... e tá crescendo né... até que já tem um shopping, as lojas tão crescendo” (Bernardo, morador do Jardim Brasília, 18 anos).

Não gosto dessas pessoas que chega e só fala mal da cidade, critica sempre, mas também não faz nada para mudar. Eu vejo Águas Lindas como uma oportunidade. Para muitos aqui é longe de tudo, mas eu não acho. Aqui eu tô perto da cidade grande [Brasília], vou poder fazer um curso, estudar, ter um trabalho legal, coisa que eu não tinha onde eu morava antes. (Ricardo, morador do Bosque, 17 anos).

Há uma confluência de dois fluxos migratórios para a região: um importante fluxo de pessoas oriundas do DF, e um não menos importante fluxo de populações originárias de áreas rurais, sobretudo do Nordeste brasileiro, que vêm para a região em busca de condições melhores de vida.

Assim, enquanto para os que vêm de áreas urbanas, mais desenvolvidas, como as que existem no DF, vir para Águas Lindas tende a ser interpretado como um “retrocesso”; para as populações migrantes oriundas de áreas rurais, mais isoladas e pobres, Águas Lindas e sua relativa proximidade do DF significam uma oportunidade de melhores condições de vida e de crescimento em relação às oportunidades de estudo e trabalho:

Lá onde eu morava antes [Tocantins] não tinha como crescer, assim, só se você quiser trabalhar na roça e eu e meus irmãos a gente não queria isso né, e assim não dá muito lucro pra viver hoje em dia. E eu sempre quis fazer um curso... eu quero entrar no exército...

arranjar um bom emprego, e lá onde eu morava não tinha isso, era uma cidade pequena, pacata, não tinha oportunidades pra gente crescer. (Ricardo, morador do Bosque, 17 anos).

Eu adoro morar aqui, faz só um ano e meio que eu tô aqui..., antes eu morava no interior de Minas, lá sim era longe de tudo. Aqui parece que é longe, mas né não, primeiro porque a cidade tem quase tudo e segundo porque Brasília nem é tão longe... eu acho. (Ivonete, moradora do Cidade do Entorno, 18 anos).

O Cidade do Entorno e seus bairros vizinhos são vistos, por muitos de seus jovens habitantes, como espaços de pertencimento e de interconhecimento. Por interconhecimento entende-se as relações de solidariedade entre os vizinhos, que fortalecem justamente a construção de um sentimento de pertencimento em relação ao local em que se reside e as pessoas com quem se convive. Muitos jovens defendem, por exemplo, o caráter humilde e batalhador da população local:

O povo aqui é humilde, mesmo tendo dificuldades de emprego, poucas oportunidades de lazer, e uma educação de pouca qualidade... os jovens correm atrás das oportunidades, para não ficarem reféns dessa situação (Gisele, moradora do Jardim Barragem IV, 17 anos).

“Eu gosto daqui do jeito que é, apesar dos apesares. As pessoas são batalhadoras. Elas sabem dos problemas, mas mesmo assim tentam sempre melhorar a cidade, fazer ela crescer” (Jéssika, moradora do Jardim Barragem IV, 16 anos).

O bairro Cidade do Entorno pode ser visto como um espaço relacional de interconhecimento, pois os jovens sentem-se crescendo em um meio conhecido. “O bom no entorno [o bairro] é que eu conheço muita gente, aí eu me sinto protegida quando eu ando por aqui” (Kelly, moradora do Cidade do Entorno, 17 anos).

Em suma, vimos que o bairro Cidade do Entorno se constitui como espaço simbólico, carregado de significações, e onde se constroem sentimentos de pertencimento e de interconhecimento, os quais servem de proteção contra os estigmas atrelados ao local e impostos aos seus habitantes, sobretudo os jovens.

Para entender como esses jovens circulam, apropriam-se de bairro e como o espaço físico é investido e ocupado, tornou-se necessária uma aproximação maior às galeras juvenis.

Observa-se que apesar dos problemas presentes no bairro Cidade do Entorno e da ausência de equipamentos e espaços públicos destinados ao lazer, os becos, as ruas e as esquinas são investidos e transformados – pelo menos momentaneamente – para esses fins. Tais espaços constituem-se como *lócus* de trocas intensas, nos quais os jovens e as crianças do setor reúnem-se para brincar, conversar, compartilhar afinidades, namorar ou “ficar de boa”.

Alguns espaços, no entanto, são mais territorializados, demarcados e reivindicados por certas galeras, passando a adquirir fronteiras invisíveis, circunscrições imaginárias e sendo disputados entre grupos rivais. O território, por consequente, aparece como forte elemento de suas construções identitárias e sociabilidades diversas.

Um local específico aparece no setor Cidade do Entorno com uma aparente organização invisível e também como um espaço reinventado. Trata-se de um terreno desocupado e que se situa por entre ruas residenciais. Surgem, nesse espaço, ações territorializadas em função de identidades distintas. Assim, diversas “galeras” disputam o uso desse espaço, como por exemplo, os roqueiros e os funkeiros.

Cultura de rua e ethos adolescente

Nesta parte, cabe analisar como se constrói a cultura de rua adolescente, quais são os seus principais pilares e características. Ao se falar de *ethos* adolescente, considera-se a maneira de “ser” e de “se comportar” característica dessa faixa etária.¹⁴

Ao indagar os adolescentes sobre a imagem veiculada sobre a cidade, embora apareça ainda com frequência a ideia de cidade violenta, o Cidade do Entorno é, sobretudo, um lugar de moradia e de criação de lembranças e de amizades. “Oxe, eu brinco com

¹⁴ Considera-se aqui como adolescentes os jovens, em média, acima de 13 anos e até 16 anos.

meus vizinhos sim. A gente brinca de queimada, joga bola na rua, anda pela vizinhança e fica olhando as novinhas” [risos] (Tayson, morador do Cidade do Entorno, 13 anos).

Outra característica que sobressai da observação é a presença importante de crianças do sexo feminino ocupando as ruas, o que contrasta com a presença menos marcante de adolescentes de sexo feminino frequentando esses mesmos espaços. A “masculinização” da ocupação da rua ganha força a partir dos 13 ou 14 anos; as meninas, tornando-se adolescentes, deixam de frequentar a rua e de interagir publicamente e andar com os meninos.

Mostrou-se interessante também o processo de “ruptura”, por vezes forçado, que as jovens se impõem no período – impreciso – entre a adolescência e a vida adulta.

Minha mãe diz que quando eu era criança eu era o capeta. Eu aprontava muito, vivia brincando na rua com os meninos da vizinhança. A gente jogava bola, soltava pipa, bola de gude, tocava na casa do vizinho e corria... aí eu aproveitava, já que eu era menina e eu era assim bem pequena [...] eu fazia isso até os seis, sete anos, depois tive que crescer né, tinha meu irmão pequeno aí eu tinha que ajudar minha mãe a cuidar da casa. (Jéssika, moradora do Jardim Barragem IV, 16 anos).

Vimos anteriormente que, por conta de uma mobilidade espacial relativamente reduzida, os adolescentes tornam-se mais confinados ao bairro e, em consequência, são eles que tendem a desenvolver uma ligação maior com os espaços físicos e a formar os espaços simbólicos da localidade.

Em meio a uma densa proporção do efeito de bairro aliada a uma forte cultura territorialista, certas galeras formam-se mais em função da localidade do que em função de afinidades, origem social ou religião, como é o caso da “galera de pichadores”.

Pichações podem ser vistas em vários pontos dos bairros Jardim Brasília e Cidade do Entorno. São obras de duas galeras rivais de pichadores: a FGE, formada por jovens do Cidade do Entorno e a AS, formada por jovens do Jardim Brasília. Ao entrevistar um ex-integrante da FGE, este me relatou como os adolescentes são atraídos para entrar nessas denominadas “gangues”:

Assim, eu tinha uns 14 anos, tinha um cara que morava na minha rua, ele era pichador, conhecido na cidade [...] aí, um dia, depois da aula eu tava voltando pra casa, e tem um dos meninos da rua quem vem falar comigo e me diz que o Tubarão, que era o apelido do cara né, tava me procurando e queria falar comigo. Daí eu fui lá conversar com ele né, e ele veio com aquele papo de eu entrar pra gangue dele sabe, e disse que assim eu ia ficar conhecido na cidade e que as pessoas ia me respeitar. Na época, como eu nem tinha nada pra fazer mesmo eu me juntei com eles, só depois que eu fui parar pra pensar que na real eles fazem isso é pra que a gente compre os sprays para eles mandaram nossas assinaturas. Cada um tinha o seu nome, a sua assinatura né [...] eu fiquei até meio conhecido na cidade... [...] eu fiquei nessa gangue uns dois anos, eu saí porque começou a dar problema... porque assim, eu fazia isso meio que escondido sabe, meus dois irmãos mais novos não sabiam..., mas eles ficaram sabendo e se juntaram com a gente... (Wilson, morador do Cidade do Entorno, 18 anos).

A falta de opção de lazer tende a aproximar esses adolescentes do mundo das drogas, não sendo o principal fator responsável, mas reforçando o aliciamento praticado por demais habitantes da região: “No começo foi assim, mais pra brincar né, mas aí eu acabei por me desencaminhar... aí fiquei uns que uns dois anos mexendo com pichação, mexendo um pouco com droga também...” (Wilson, morador do Cidade do Entorno, 18 anos).

Entre afinidades e rivalidades

Além da galera de pichadores do Cidade do Entorno, destacaram-se outras galeras, cujas afinidades/rivalidades criaram-se em função de dois estilos musicais predominantes do bairro: os “roqueiros” e os “funkeiros”.

Ambas galeras se criticam mutuamente. Para a “galera do funk”, os roqueiros e as roqueiras são sinônimo de “sujeira” e assimilados ao “capeta”. Já a “galera do rock” critica na “galera do funk” as músicas “sem conteúdo” e de cunho “vulgar”, “a submissão da mulher” e a “apologia à bandidagem”.

Entre ataques e trocas de farpas, persiste a defesa de cada estilo musical. Os roqueiros defendem o rock como um estilo musical clássico, de origem estrangeira e “que conquistou o Brasil”, “auxiliando o país no desenvolvimento da democracia”. Para os funkeiros, o funk aparece como o “som da periferia”, a “voz dos excluídos”, um “rap para dançar e para paquerar”.

Quanto à ocupação do espaço físico do bairro Cidade do Entorno, ela é motivo de disputa entre essas duas galeras, no que diz respeito a um beco que se encontra perto do colégio estadual do bairro e que, dependendo do dia da semana, adquire fronteiras invisíveis e circunscrições imaginárias.

Entre as afinidades e rivalidades, formam-se também dois grandes grupos que ora se opõem, ora se apoiam: os católicos e os evangélicos. Deve-se destacar que, nesse caso, a rivalidade ultrapassa o universo dos jovens. Os embates entre evangélicos e católicos ocorrem entre os adultos de Águas Lindas, chegando até mesmo a provocar debates fervorosos entre os representantes de cada uma dessas comunidades religiosas. Tal debate fervoroso influencia os jovens e os adolescentes do município.

Com base nessas últimas observações, vemos que o bairro Cidade do Entorno surge como um espaço simbólico, com suas características e singularidades. A localidade não é mais estigmatizada, ou ao menos do estigma territorial não se faz a definição principal. O bairro é vivido, ocupado, nele criam-se histórias de vida, relacionamentos interpessoais em diferentes escalas, formam-se afinidades e também rivalidades. O Cidade do Entorno ganha vida e os efeitos de bairro são vistos em seu ponto de vista positivo.

Considerações finais

De forma geral, sobressaiu deste estudo a complexidade interna do bairro observado: o Cidade do Entorno. Por um lado, o bairro aparece como um espaço estigmatizado, o que se traduz em sua desvalorização simbólica e a degradação do espaço físico por sua população, em um círculo vicioso. Constatou-se também que

a estigmatização territorial atrelada ao bairro prejudica as estruturas sociais e as estratégias locais. Existe também uma supervalorização da violência – por meio da circulação de “fofocas” e reforçada por uma mídia local sensacionalista –, assim, a definição do bairro é sempre relacionada à violência, o que estigmatiza seus habitantes. Essas observações aparecem como sinais da forte proporção negativa dos efeitos de bairro, devido à mobilidade urbana limitada que afeta, sobretudo, a população mais jovem do local.

Por outro lado, viu-se que o bairro estudado aparece como um espaço territorializado e investido, no qual pôde ser constatada uma construção simbólica positiva e defensora do bairro e de sua população. O bairro constitui-se, para muitos, como um espaço de sonhos, de lutas e de solidariedade. Prevalece no território uma relação entre vizinhos de pertencimento e de interconhecimento. Observou-se que existem diversas formas de territorialização, sobretudo por parte das “galeras” jovens, que criam, no local, espaços investidos e redefinidos. Desse ponto de vista, o bairro aparece como um local de enraizamento e um território defendido e valorizado, onde prevalecem efeitos de bairro positivos.

Em suma, a despeito de uma realidade social marcada pela violência urbana e pela vulnerabilidade social; o bairro estudado aparece como um espaço com múltiplas formas de sociabilidade juvenil resultantes dos “efeitos de bairro”.

Por fim, esta pesquisa teve por ambição mostrar a pertinência de estudos que utilizam como escala de análise, não somente a cidade, mas territórios e bairros; e a necessidade de aumento de estudos de caráter qualitativo tendo por enfoque as “periferias das periferias”, ou seja, as regiões que se formam além das áreas periféricas das grandes metrópoles brasileiras atuais.